

Estudos já realizados apontam para as características dos símbolos esotéricos e religiosos presentes na gravura. De fato, o início do século XVI fora marcado pelo avivamento de antigas práticas esotéricas, como a alquimia, a astrologia e a cabala, por exemplo. Estudiosos como Kibansky, Panofsky e Saxl (2012, p. 317) não têm dúvidas da influência dessas escolas esotéricas em Dürer.

Todavia, este estudo deseja fazer uma análise diferenciada da gravura de Dürer. Neste momento, pretendemos nos atentar ao tema da melancolia, que fornece nome à gravura e que pode ser analisado sob o viés da filosofia de Martin Heidegger (1899-1976), sobretudo em sua obra *Ser e tempo* de 1927, que trata de questões existenciais, como a angústia humana e o ser-para-a-morte que, ao que tudo indica, podem servir de referenciais para uma nova hermenêutica da gravura.

Por milênios a melancolia fora tratada como a “doença dos intelectuais”, Aristóteles (1998 p. 81), por exemplo, não a tratava como patologia, mas como um estado de espírito de todos os homens dotados de grande capacidade intelectual. No entanto, a consideração de Aristóteles não logrou muitos adeptos, sobretudo na Idade Média, em que o problema da melancolia, ou da acídia, principalmente entre os monges, tornou-se um sério problema. Em decorrência disso, monges cometiam suicídios em mosteiros.

A modernidade e a contemporaneidade tratam a melancolia como um estado patológico. Estaria a melancolia, inspiradora do tema da gravura de Dürer, relacionada com a angústia e com a noção de *Dasein* em Heidegger? Este ensaio pretende fazer uma hermenêutica da gravura inspirando-se na filosofia de *Ser e tempo*, de Heidegger.

Aqui é necessário compreender o que Heidegger entende por *Dasein*. Para iniciar, devemos considerar que em algumas obras como *Ser e tempo*, o filósofo alemão deseja empreender uma distinção entre ser e ente. Para tanto, estabelece-se, grosso modo, que a questão do ser é anterior a qualquer ente. Nesse sentido, um ente é melhor compreendido, por exemplo, dentro do campo das ciências. Os entes se ramificam, formando os conhecidos campos científicos que temos hoje, como as Ciências humanas, exatas, biológicas, entre outros. Cada um desses campos se preocupa com seus respectivos entes. A biologia irá se ocupar em pesquisar os elementos dos seres vivos, a história com os fatos históricos e assim por diante. Porém, Heidegger (2012) preocupa-se com a questão mais essencial que está por trás de todos os entes, ou seja, o filósofo quer investigar a questão do ser, que, como já se afirmou, é elementar e anterior a qualquer ente.

Heidegger afirma que a noção de que ser e ente são distintos, entretanto, não são separados. A preocupação central de Heidegger é com a questão do ser, anterior a qualquer ciência. É justamente nessa busca pelo ser, anterior a qualquer ente, que o estudioso alemão chega à questão do *Dasein*, interpretado como ser-aí do homem que nós somos. É necessário, neste momento, que exploremos o conceito de *Dasein* proposto por Heidegger. Quanto à tradução do *Dasein*, temos:

Através da existência humana Heidegger procura uma abertura até o ser. Para apresentar uma prova de que tal caminho é possível, recorre a uma nova linguagem. Daí o conceito de *Dasein*, que é resultante de dois elementos, uma palavra composta (Da-sein), “da” que significa “aí” e “sein” que significa “ser”. Portanto Da-sein significa a existência e o ser-que-está-aí, ou ainda como outros interpretam: presença. Ou seja, a análise do *Dasein* é análise da existência e do ser. (DUARTE; NAVES, 2011, p. 64).

Ou seja, o *Dasein* é o ser-lançado-no-mundo, é o ser-aí. A Ciência, com todas as suas ramificações, é um modo de ser do *Dasein*. Por isso, o *Dasein* enquanto existência humana recebe uma atenção especial.

Somente o ser humano é capaz de questionar-se sobre sua existência. Ele se põe em questão, pergunta sobre o seu ser e sobre o sentido de sua existência. Frente a essas questões existências, o homem busca por respostas. O ser humano, o ser-aí, se encontra em relação com as suas perguntas e respostas.

Em outras palavras, ao questionar sobre sua existência, o homem interroga sobre seu próprio *Dasein*, sobre o sentido de seu ser. É nessa rede de perguntas existenciais que o homem formula respostas. São nesses instantes de interrogações que o *Dasein* se depara com a morte, ou seja, com sua finitude, com o fim de todas as coisas. Nesse momento, surge então a angústia que, para Heidegger, é também característica peculiar da existência humana, assim, só o homem se angustia após tomar noção de que é um ser-para-a-morte.

Qual é o traço constitutivo da existência do *Dasein*, no qual reside a totalidade que define a essência do ser-humano? Heidegger responde que este traço totalizante que define a essência do ser-humano se encontra no conceito de *angústia*, enquanto disposição compreensiva que oferece o solo fenomenológico-hermenêutico para apreensão explícita da totalidade originária do *Dasein*. A Angústia não é somente um fenômeno psicológico e ôntico, isto é, que se refere somente a um ente ou a algo dado, e sim sua dimensão é ontológica, pois nos remete à totalidade da existência como ser-no-mundo. Tal como em Kierkegaard, a angústia assume em Heidegger um cunho existencial essencialmente humano. Só o homem se angustia, não o animal, bem como apenas o homem existe e tem uma compreensão do ser. [...]. A diferença entre Kierkegaard e Heidegger, porém, reside no fato de que em Kierkegaard a angústia revela o nosso ser finito, o nada de nossa existência diante da

infinitude de Deus, do caráter eterno de Deus, ao passo que Heidegger abandona esta perspectiva teológica e pensa a angústia apenas como fenômeno existencial da finitude humana. (WERLE, 2003, p. 104-105).

Essa noção de angústia, além de ser um dos temas centrais em Heidegger, também deve receber a devida centralidade nesta discussão, pois é na melancolia, proposta na gravura de Dürer, assinalada na figura dos anjos, que podemos propor um paralelo entre a angústia existencial, defendida por Heidegger e a melancolia, esboçada por Dürer.

Richir (2013, p. 477) que estudou a relação entre a melancolia e a angústia, comenta sobre o *Dasein* e sua noção de abertura. Com efeito, o ser humano é um ser aberto às possibilidades de existir, uma vez que ele é livre para decidir como deseja construir a sua existência. Assim, a existência oferece várias possibilidades de ser, ou seja, somos seres de abertura, podemos dar sentido a nossas vidas através dessas possibilidades. O *Dasein* está aberto, ele pode construir a sua existência. É nessa abertura de diversas possibilidades de ser que o *Dasein* pode entediar-se, sendo essa uma característica da melancolia, chegando mesmo a uma noção de angústia.

Essa abertura de possibilidades parece que está nítida na gravura que estamos analisando. Vemos duas figuras, semelhantes a dois anjos, cercados por utensílios de precisão Matemática, o que pode nos indicar a noção de Ciência exata e, em segundo plano, assinalamos a existência de alguns símbolos místico-religiosos, como o “quadrado mágico” e o sol se pondo. Desse modo, é possível supor que há duas possibilidades para o ser construir e fornecer sentido para a sua existência: de um lado temos o sentido científico e de outro, o sentido religioso.

Essa nova hermenêutica para a gravura pode fazer sentido se analisarmos o contexto do início do século XVI, período em que a gravura foi entalhada. Nesse período a Ciência começa a ganhar autonomia e se desvencilhar, mesmo que lentamente, das amarras do religioso.

É possível dizer que, grosso modo, existem mais utensílios de cunho matemático-exato, daí uma referência ao científico do que símbolos propriamente religiosos. Seria então esta gravura uma referência à superação da religião em favor do científico? Se a resposta fosse positiva, estaríamos, na linguagem de Heidegger, afirmando que a possibilidade de existência do *Dasein* estaria se pautando em argumentos de cunho científico, ou seja, a questão pelo sentido do ser estaria contida dentro da própria Ciência. Mas aqui surge uma

nova pergunta: se o universo da Ciência fornece respostas para as questões existenciais para as duas figuras angelicais, por que ainda estão esboçando sinais de insatisfação e de tédio?

Podemos responder a essa questão dentro da própria abertura do *Dasein*, que sempre colocará o seu ser em questão.

Se as Ciências exatas fornecem sentido para o *Dasein*, como tem demonstrado a gravura e sendo o mesmo marcado pela existência e aberto a inúmeras possibilidades, as Ciências exatas podem não responder a todas as questões existenciais das duas figuras angelicais. Assim, elas esboçam características de tédio ou, em termos da filosofia de Heidegger, de angústia.

Ademais, devemos notar que as figuras são angelicais, sendo então símbolos religiosos e, ao que tudo indica, podem simbolizar, através de uma alegoria, o próprio espírito do homem do século XVI, que se encontrava influenciado pelas reformas religiosas e pelas revoluções científicas do seu tempo.

Neste momento é possível afirmar que, em termos hermenêuticos, ao estudar a mencionada gravura de Dürer na linha da filosofia de Heidegger, estamos esboçando o que seria a psicologia do homem europeu do início do século XVI. Assim, a melancolia seria, em outros termos, a angústia que perpassava a mentalidade do homem da época que, ao buscar respostas pelo seu ser, deparava-se com respostas circunscritas ora no campo religioso, ora no campo do científico, privando o *Dasein* de sua característica essencial, a liberdade.

Duarte e Naves (2011, p. 71) articulam a ideia de liberdade do *Dasein*. Essa liberdade só é possível graças as possibilidade de abertura do próprio *Dasein*. Ele pode escolher como deseja existir, por isso, é livre.

Aqui entendemos que a consciência tem um papel de importância crucial, pois disponibiliza o homem para o exercício da angústia, o instrumento que mostra o *Dasein* a si mesmo como especial e livre. A liberdade para Heidegger é a capacidade de transcender inerente ao homem e que possibilita uma maneira diferente de se expressar, de dar passos a construção de si mesmo. “A transcendência é da própria essência do Ser-aí, pois não é tanto o que é mas também foi e não é, será o que agora não é. É de alguma maneira uma possibilidade colocada entre dois nadas, o passado e o futuro”. (GILES, 1989 p. 234).

É a consciência o mecanismo chave do processo libertador do homem frente ao seu ser-no-mundo para suas capacidades mais próprias, inclusive o de ser-para-a-morte.

É a consciência que conduz o homem a “decisão”, que é para Heidegger uma resposta eficaz e verdadeira ao exercício da consciência, escolha livre para o encontro consigo mesmo. É válido, porém, salientar que a decisão é uma escolha, diante da qual o *Dasein* se angustia, mas como já dissemos a angústia é o meio para o poder ser mais próprio e autêntico. (DUARTE E NAVES, 2011, p. 71).

Nesse ponto de vista, é possível mencionar que tanto as respostas fornecidas pelas Ciências bem como pela religião, são insuficientes para aplacar a melancolia que toma conta do estado de ânimo das figuras aladas. As respostas fornecidas para a questão da existência do *Dasein*, tanto pelo campo religioso, como o campo científico, limitam as possibilidades do ser em duas áreas do conhecimento. Desse modo, o homem que é um ser de possibilidades, aberto a novas experiências, se angustia frente à limitação de respostas, ou possibilidades, fornecidas, no caso, pela Ciência e pela religião.

Como menciona Duarte e Naves (2011, p. 71), o homem se angustia simplesmente por ter seu *Dasein* lançado no mundo. De fato, o homem que é lançado no mundo encontra uma teia de possibilidades para ocupar com o *Dasein* e fugir da angústia existencial, porém, em certo momento de sua vida, o homem questionará pelo sentido de sua existência, o sentido do seu ser e, se situando em um mundo de possibilidades, como as possibilidades científicas, religiosas e artísticas, elegerá a possibilidade que melhor responda suas questões. Mas, não raro, essas possibilidades são limitadas e não corresponde à totalidade de abertura do ser. Assim sendo, a angústia, o elemento mais autêntico da existência humana, toma conta do espírito do indivíduo, que pode vir carregada com características de medo.

Entre temor e angústia, portanto, existe uma diferença precisamente no fato de que a angústia é mais ampla que o temor. Como já assinalamos, o temor é direcionado a um ente determinado da nossa existência; já o objeto da angústia não tem um objeto determinado. Na angústia, enquanto disposição fundamental, não se sabe, diante de que nos angustiamos, ela passa a apresentar-se na medida em que em meio às ocupações do cotidiano, sobrevém certo tédio. E nenhum ente é possível encontrar apoio para nos tirar tal desconforto, pelo contrário uma vez que há procura por conforto, o *Dasein* lança-se desenfreadamente no contato com as coisas, quando a angústia se intensifica. O *Dasein* sente-se cada vez mais estranho na angústia. (DUARTE E NAVES, 2011, p. 73).

Não é possível identificar, em *Melancolia I*, qualquer indicativo de que as figuras aladas esboçam qualquer estado de medo. Elas esboçam tédio e desânimo, que podem estar atrelados à angústia.

A disposição em que os anjos se encontram pode indicar que havia uma ocupação com os entes, ou seja, os anjos estavam ocupados com o trabalho meticuloso da Geometria, uma Ciência exata. No entanto, foram tomados pela melancolia, por uma angustia existencial, característica do *Dasein* e, assim, esboçam insatisfação pelo conhecimento exato-científico e, também, podemos mencionar, pelo conhecimento religioso, já que se apresentam como dois anjos, simbolizando, desse modo, o conhecimento religioso.

A noção da não existência de um objeto claro que instala a angústia, o não saber os motivos pelos quais se angustia, também está presente em *Melancholia I*. Com efeito, essa noção da inexistência do objeto pelo qual se angustia, pode ser compreendida pelo próprio cenário em que as duas figuras angélicas estão inseridas. Esse cenário marcado pela desordem dos instrumentos de precisão geométrica. Tal desordem, ao que tudo indica, ocorreu pelo intenso uso dos instrumentos, que não lograram resultados satisfatórios que respondessem as questões existenciais promovidas pelo *Dasein*.

É essa angústia, sem objeto claro pelo qual se angustia, que o homem se depara com as questões sobre o valor positivo da angústia, sobre liberdade, autenticidade e inautenticidade.

Na angústia, o *Dasein* se percebe cada vez mais estranho, sua existência se confronta com o ser-para-a-morte e ao mesmo tempo em que se angustia, ele percebe que é um ser de abertura, um ser livre que pode escolher os caminhos que pode trilhar e buscar o sentido para seu *Dasein*, o seu ser-aí. Nesse sentido, encontramos, com lembram Duarte e Naves (2011 p. 72), o lado positivo do fenômeno da angústia, pois é frente à angústia que o sujeito busca, através da liberdade que lhe compete, novas possibilidades para dar sentido ao seu *Dasein*.

No momento em que o homem percebe a grande gama de interpretações que o mundo e a sociedade possibilitam, ele se dispõe a dar sentido ao ser. Aqui, segundo Heidegger (2012, §27), submergem duas condições: a de autenticidade e inautenticidade. Werle classifica a inautenticidade nas seguintes palavras: “a existência inautêntica, ou seja, o homem no cotidiano se mantém numa situação de encobrimento de seu ser, possui uma interpretação errônea de sua própria existência, que se mantém para ele encoberta” (WERLE, 2003, p. 100). Em outras palavras, enquanto o *Dasein* está preocupado com os entes, ele acaba por assumir opiniões, sentenças e “verdades” preestabelecidas pela sociedade, deixando de lado a sua autenticidade, que possibilitaria a si-próprio responder e refletir sobre seu próprio sentido do ser. O homem, não raras vezes, deixa de viver de maneira autêntica para viver a inautenticidade do mundo com suas respostas preestabelecidas.

Como menciona Werle (2003 p. 102), viver na inautenticidade é assumir o sentido do outro, é o preocupar com o outro deixando de viver e esquecendo-se do verdadeiro sentido de sua própria existência.

Nos preocupamos pelo outro, assumimos o seu lugar, o substituímos em seu sofrimento ou nos entregamos à sua preocupação, mas nos esquecemos de nós mesmos (§26). Esta preocupação na existência, porém, não é positiva e sim assume a forma de uma *impessoalidade [das Man]* hipócrita, na qual os homens se “preocupam” demasiadamente com o outro e com o que *se* pensa e *se* acha socialmente e

se esquece do verdadeiro sentido de sua própria existência. A vida social é o império do *a gente*, a ditadura do impessoal, o âmbito em que se confunde o todos nós e o ninguém, na medida em que se age de acordo com o que se pensa em geral. (WERLE, 2003, p. 102-103).

Nesse tocante, notamos que na *Melancolia I*, apesar de seu cenário denso e desorganizado, não observamos indícios de falta de liberdade para as duas figuras aladas. Pelo contrário, por terem asas, podem simbolizar o ápice da liberdade. Apesar dessa suposta liberdade, os dois anjos permanecem por esboçar certa intranquilidade que, nesse caso, caracterizamos como angústia. Sua liberdade, seus conhecimentos alçados nos progressos advindos das Ciências exatas e no campo da religiosidade, não são suficientes para aplacar a inquietação do tédio, da angústia.

O próprio senso de liberdade é que fornece, aos dois anjos, a noção de que eles têm a possibilidade de emitirem juízos, opiniões e valores que não estejam impregnados de inautenticidade que, nesse caso, podemos supor estar atrelados à conceitos científicos e religiosos já prontos. Em outros termos, é a não aceitação das respostas fornecidas pela Ciência e nem pela religião, considerando a inautenticidade das respostas prontas, o mergulho e a diluição do *Dasein* no *a gente* é motivo de angústia para as duas figuras.

Os anjos desejam, ao que tudo indica, sair da inautenticidade, ou seja, logram “voar” por novos caminhos que sejam mais autênticos, que forneçam margem a novos pontos de vista e novas descobertas. Assim, os anjos assumem a responsabilidade de projetarem respostas para o seu *Dasein* em novos e interessantes caminhos do conhecimento, sejam eles científicos ou não, mas que saíam do inautêntico.

Frente a toda essa nova interpretação com base na filosofia de Heidegger, surge uma nova indagação: o que, afinal, Dürer desejava expressar em sua gravura?

A chave para solucionar essa questão deve-se ater na iconografia presente no quadro e já mencionada neste ensaio, juntamente com o período histórico em que a obra foi entalhada, ou seja, no início do século XVI.

O início do século XVI é marcado pelo Renascimento europeu que, embora tenha sido muito forte e atuante na Itália, também influenciou outros países como a Alemanha. O período renascentista foi de grande impacto para a sociedade europeia da época. De fato, os avanços técnicos nas artes e nas Ciências, a descoberta do novo mundo, a América, e o início da Reforma Protestante marcam o espírito do homem desse período.

Justamente, é esse efervescente cenário científico-cultural que, provavelmente, Dürer desejou registrar em *Melancolia I* suas impressões sobre as profundas mudanças que ocorriam

na civilização do Ocidente. Muitos paradigmas científicos e religiosos estavam sendo reelaborados no período e, sendo o Renascimento uma época de transição, é que formamos a hipótese para justificar a melancolia ou a angústia do *Dasein*, esboçada pelos dois anjos.

A filosofia de Heidegger traz amparo para essa nova e ousada interpretação artística. Nossa hipótese é que as duas figuras angélicas representem o espírito do homem do início do século XVI que, marcado pelas novas mudanças paradigmáticas, se depara com a questão primordial, ou seja, a questão do ser, do *Dasein*.

Com os conceitos heideggerianos já explorados neste ensaio, é que propomos, nesta etapa final, um novo sentido iconológico para a gravura.

Os dois anjos, personagens da gravura, representariam o espírito do homem renascentista que, nesse caso, não encara com entusiasmo as novas descobertas realizadas pelas Ciências e pelas artes, nem com as questões religiosas, promovidas pelo início da Reforma Protestante, que afluíam em seu tempo. Em meio a esse efervescente cenário de mudança estão as duas figuras aladas, que lançadas em um mundo repleto de mudanças, se angustiam por não encontrarem respostas para o sentido de seu ser.

Desse modo, a obra formula uma crítica à sociedade do início do século XVI. Essa crítica visa, principalmente, o modelo científico-tecnicista que se formava e que, de certo modo, oferece respostas pragmáticas para muitas indagações do cotidiano. Também podemos aludir uma crítica ao cenário religioso da época que, juntamente com a Reforma Protestante, surgiam novas igrejas e novas ideias que abarcavam temas como salvação e expiação dos pecados. Contudo, teriam essas mudanças respondido a questão elementar do *Dasein*, do ser-ai, que é anterior a qualquer ente?

A resposta é não, pois se a questão do *Dasein* tivesse sido respondida, os anjos não estariam esboçando a aparência de inquietude. Assim, empreendida na filosofia de Heidegger, podemos supor que a *Melancholia I* representa uma crítica às mudanças ocorridas no período em que a obra foi produzida. Essa crítica está reservada ao fato de que os novos avanços científicos e religiosos não respondem questões de ordem existencial, ou seja, os anjos, que apresentam o homem do período, permanecem mergulhados na inautenticidade das respostas prontas produzidas pelas massas. A questão elementar, pelo seu ser-ai, permanece intocada.

Ainda assim, essa obra de arte pode nos remeter, além do mais, a uma segunda crítica que ressalta a falta de equilíbrio entre o conhecimento científico e o conhecimento religioso. De fato, essa crítica ainda é recorrente nos meios científicos atuais, como lembra Barbour (2004, p. 37), pois a cientificidade não superou a religião, como era postulado até meados do

século XX, havendo, portanto, a necessidade de equilíbrio através do diálogo, como proposto por Barbour (2004 p. 221) entre Ciência e religião que, ainda no século XXI, se encontram e convergem em respostas pelas questões existenciais que submergem do âmago do ser humano.

Com essa finalização, podemos apontar que a mensagem deixada em *Melancholia I* não apenas circunscreve-se ao período do século XVI, pelo contrário, permanece com significado bastante atualizado e que se encaixa perfeitamente no cenário do século XXI.

(Ensaio apresentado para conclusão e aprovação na disciplina Filosofia da religião, ministrada pelo professor Dr. Frederico Pieper Pires, na Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais).

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia**. Rio de Janeiro: Lacerda Edições, 1998.

BARBOUR, Ian. **Quando a ciência encontra a religião**. São Paulo: Cultrix, 2004.

DUARTE, Rodrigo; NAVES, Gilzane. O ser-para-a-morte em Heidegger. **Revista da Católica**. V.3 n.5- Jan/Jul 2011. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/06-filosofia.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

DÜRER, 1514. **Melancholia I**. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6951272q.r=.langFR>. Acesso em dezembro/2015.

KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. **Saturno y la melancolía**. Madrid: Alianza Forma, 2012.

RICHIR, Marc. La melancolía de los filósofos. **Revista Eikasia**. 47, 2013. Disponível em: www.revistadefilosofia.com/47-24.pdf . Acesso em: 03 jan. 2016.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131732003000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 fev. 2016.